

APRESENTAÇÃO

Non sibi soli vivere sed et aliis proficere.

O pensamento franciscano não é um conjunto doutrinário fechado e restrito. Uma escola filosófica com diretrizes e elementos fundamentais enquanto tais não serve para caracterizar o pensamento franciscano, do contrário se poderia traçar os conteúdos e soluções próprias que a escola ofereceria. Isso não será o caso, nem em temas de Metafísica, Lógica, Política, Mística, e Arte. Há argumentos, interpretações e sínteses com um potencial inovador próprio da atividade filosófica crítica e séria. Essa variedade e seriedade transparece nos artigos deste número da revista *Thaumazein*, e oferecê-lo à comunidade é motivo de satisfação.

Há uma tendência em afirmar que o pensamento franciscano não tem como ideal a produção científica. Nem mesmo nas Regras da Ordem há uma orientação para dedicação à atividade científica. O ideal franciscano é essencialmente religioso. A caracterização dele não está em seu ímpeto para investigar cientificamente o mundo, por si e enquanto tal. O ímpeto originário é de outra ordem.

Contudo, uma marca constante nos temas que foram postos em discussão pelos franciscanos não exigiu uma atitude inocente ou mesmo arrogante frente aos dados científicos e nem mesmo em relação à formação acadêmica. A organização interna à Ordem e as circunstâncias externas fizeram da Ordem Franciscana uma *religio* com muitos e profícuos pensadores apresentados e discutidos nos artigos.

De fato, a filosofia franciscana é um 'complexo fenômeno' sem uma unificação possível como uma doutrina que foi surgida nos efervescentes séculos XIII-XIV. Nenhum dos grandes filósofos da Ordem Franciscana é o *mentor* ou o *doutor* da Escola Franciscana. Não há um corpo doutrinário que, determinado por alguns, é assumido como determinante do franciscano. Não há, nem nunca houve, uma doutrina franciscana, embora sim haja algumas soluções que são mais e outras menos coerentes e verdadeiras.

O espírito da Filosofia franciscana, como diz Philotheus Bohener¹, é sempre crítico, científico, inovador e prático. A filosofia é crítica em seu sentido geral e, para os franciscanos, não recai em ceticismo, mas em uma atitude de confiança nas potencialidades humanas como tais para conhecer o mundo. Uma atitude crítica exige, por exemplo, a distinção do estado real das coisas de seu estado possível. Uma distinção que permite pensar de modo coerente tanto a contingência do mundo e quanto a infinitude.

É uma filosofia de caráter científico pois está interessada em conhecer a realidade e o ser humano. Daí os tratados de metafísica, conhecimento e ética que são abundantes entre os franciscanos. É uma filosofia inovadora, justamente porque não idolatra nenhum de seus pensadores. Sem se restringir a sistemas de pensamento fechados, avança aos problemas atuais.

A filosofia franciscana é prática (não em sentido utilitário). Pois toda a atividade intelectual não é valorada em si mesma, mas enquanto objetiva a caridade. Daí, não é uma atividade puramente voltada à ciência e pela ciência. Há uma ordem de valores e a caridade para está acima do valor da ciência em si.

Os artigos estão ordenados por temas. Os primeiros dizem respeito à temas de lógica e metafísica. O artigo de Roberto Hofmeister Pich ilustra os aspectos sobre os quais Jerónimo Valera O.F.M.

¹ Cf. o instigante e esclarecedor artigo de Philotheus BOHENER, 'Spirit of Franciscan Philosophy', *Franciscan Studies*, 22 (1942), pp. 217-37.

amplia a lógica de Scotus com implicações importantes ao tratamento do conceito de ente infinito e em problemas de ordem teológica. Esse é um artigo de valor, além do tema proposto, pois amplia o nosso conhecimento da complexidade da produção filosófica na América Latina, em um período de produção filosófica que está sendo chamado de *Scholastica Colonialis*.

Matteo Scozia apresenta os conceitos de *hacceitas*, *quidditas* e *formalitas* a partir da interpretação de Antoine Vos. Esse artigo apresenta de maneira estimulante e clara os conceitos centrais scotistas. Márcio Paulo Cenci analisa e interpreta os conceitos de composição e simplicidade na teoria da Matéria de Pedro de João Olivi. Ele argumenta que Olivi é inovador frente a S. Boaventura, pois possui uma teoria própria da matéria com consequências importantes à teoria da realidade e da alma.

Pedro Leite Junior e William Saraiva Borges retomam o problema dos universais. Eles analisam a resposta nominalista de Guilherme de Ockham. Consideram que Ockham realiza uma desconstrução do estatuto ontológico dos universais reduzindo-os ao plano epistemológico-lógico-linguístico

Lucas Duarte Silva discute os debates acerca do tema da pobreza. Assim o tratamento não é dado como um tema sociológico, mas sim como um problema teórico, em um registro que ele chama de “teoria da pobreza franciscana”. E ele argumenta com Marsílio acerca da conexão entre poder e riqueza e extrai consequências intrigantes para o tema da vida religiosa.

Respectivo à hermenêutica e mística, Noeli Dutra Rossato faz a *Legenda Maior* de Boaventura, ele apresenta os diferentes degraus místicos e discute as três vias contemplativas. Ele conecta as sete visões atribuídas a Francisco com o êxtase e os estigmas, explicáveis à luz dos sete degraus místicos. É um belo texto de retomada da *Legenda Maior* como obra essencial para entender a experiência de Francisco de Assis.

Elsbeth Léia Spode Becker apresenta aspectos do Conjunto Basilical de Assis e descreve a relação entre a arte e a espiritualidade. Ela defende que, em Assis, a “espiritualidade cristã constitui um horizonte de paz emoldurado pela sensibilidade franciscana, que é uma maneira original de viver a cristandade”, reconhecível na arquitetura sacra.

A última seção contém a tradução realizada por Iuri Coelho Oliveira do importante artigo de Gerard Sondag. Essa é uma bela oferta em língua portuguesa do texto clássico sobre a cognição intuitiva em Scotus.

Por fim, agradecemos a todos os colaboradores de instituições nacionais e internacionais com as suas valiosas contribuições. Desejamos que, mantendo o espírito da filosofia franciscana, esses artigos sejam valiosos para os seus leitores.

Márcio Paulo Cenci
Editor da *Revista Thaumazein*
Santa Maria, Dezembro de 2015

